

Até a mesa é virtual

Renata Nayane Fernandes dos Santos

03

Não é mais a sala de professores, aquela cheia de armários, o bule de café, os murais, aquele zumzumzum de sempre de conversas aleatórias. Foi substituída pelo *Google Meet*, nem mesmo a dinâmica da rodinha rotineira na mesa, onde cada qual pegava sua cadeira e suas pastas, cadernos, anotações. Apenas uma telinha e seu nome, ou melhor, sua identificação.

As descontrações continuaram, as piadas iniciais, as brincadeiras permaneceram, alguns notam que tem um professor com filtro no vídeo: “Que estante cheia de livros bonita”, comentam e ele responde “Arrumei agora na pandemia”. Todos riem. Um único cenário tornou-se vários: tem cama, tem mural, tem janela. Alguns nem tem, preferem deixar a câmera desligada mesmo, o áudio basta.

Os mais pontuais já querem começar logo, “tá na hora já”, mas a coordenadora pede um pouquinho mais de paciência pois ainda tem professor chegando. E o fatídico assunto vem à tona como sempre, em qualquer lugar, qualquer hora, ele chega: o momento que todo mundo começa a se lamentar, ou se desesperar, como queiram, sobre a pandemia. “Hoje foram mais de 3000 mil mortes”, “A segunda onda vai ser mais forte”, “Tá faltando UTI”.

O “quando” vai voltar ao normal também é colocado em pauta. “Acho que esse ano não mais”, “Tenho nem ideia”, “Se chegassem logo as vacinas”. E é assim que finalmente o conselho de classe começa. A coordenadora comenta que muitos alunos não estão conseguindo acompanhar as aulas *online* por inúmeros motivos, seja por falta de equipamento, seja por tempo e até mesmo por falta de apoio em casa. O conselho decide chegar a um acordo: o aluno que fez 50% das atividades, estará aprovado. “Normalmente não seria assim, mas...”, “É uma situação atípica”, “Não dá pra ser muito rigoroso”. Alguns falam da experiência em outras escolas, que estão fazendo assim e seria mais justo nesse contexto.

Um a um, turma por turma, os nomes dos alunos são chamados. A coordenadora vai perguntando para cada professor a situação dos alunos. Alguns ela já antecipa: “Gente, esse tá passando por muita dificuldade”, “Essa tá cuidando da avó”, “Essa não tem celular pra acompanhar”, “Esse precisou trabalhar pra ajudar em casa”. Nesse momento, o silêncio finalmente ocorre. Ninguém sabe exatamente o que fazer nesses casos. Passa? Não passa? Espera?

Não dá mais para saber quem gosta de sentar na frente, quem anda com quem ou quem tá dando problema de conversa paralela. “Esse eu não sei nem quem é”, “Tá matriculado na minha turma?”, “Nunca nem ouvi falar” quando o sujeito é desconhecido. “Ah! Essa me mandou e-mail com outro nome”, “Sumiu mas fez as atividades”, “Dá pra passar com jeitinho”, quando o aluno não participou mas fez alguma coisa solicitada. A interação aluno-professor, aquele acompanhamento mais próximo evaporou, a sala virtual não é a mesma coisa.

Normalmente a presença dos responsáveis na escola seria o primeiro passo para tentar alguma resolutividade, mas agora que estamos no novo normal: “O pai não deixa usar nenhum aparelho eletrônico ou internet, ele pega escondido de madrugada”, e todos ficam chocados com o aluno que precisa estudar escondido do pai militar e rigoroso que não confia no próprio filho.

“Passou e passou voando”, “Fez tudo”, “Comigo, tá passada”, são os exemplos quando o ensino remoto funcionou de certo modo. Esses não estarão em recuperação e estão aptos para o ano letivo 2021 sem nenhuma pendência acadêmica. O ano de 2020 passou também... Passou e deixou um rastro de incertezas, tristezas e desigualdades.

Ninguém sabe como será esse novo ano, se as aulas vão voltar presencialmente (provavelmente não), se vai ter ensino híbrido (com dificuldade) ou mesmo continuar de maneira remota. O que sabe é que não tem nada planejado pelo Estado para minimizar o prejuízo e nem parece que seja prioridade agora. Um novo ano, um novo normal, uma nova forma de educar, os mesmos sujeitos e os problemas de sempre.

Enquanto observo e analiso tudo isso na figura de futura professora (já?), começo a me dar conta que todas essas situações que vivenciei durante o estágio de formação de professores II. Acabo pensando que em breve eu vou estar na posição de avaliar efetivamente cada situação dos discentes e do ensino no ambiente de trabalho, e esse ambiente por enquanto, é uma sala virtual. Imaginar e tentar prever as consequências do pós pandemia é algo que está em pauta nos diversos ambientes, acadêmicos ou não, estudantil ou profissional. E isso faz parte da minha trajetória como professora em formação, vai ser algo que vai ser e já é marcante nesse contexto de estágio remoto. Como será a (re)invenção do ensino depois de um longo período de dificuldades e com todas barreiras tecnológicas e especialmente sociais? Sinceramente, eu não sei e acho que nem mais o experiente professor tem essa resposta.